



Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2011)

Marcio Pascoal Cassandre¹

mcassandre@hotmail.com

Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov²

ybulgacov@gmail.com

Denise De Camargo³

denisedecamargo@uol.com.br

O CONCEITO DE PRÁTICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA TEORIA DA ATIVIDADE

Esse ensaio estrutura uma discussão sobre o potencial da Teoria da Atividade (TA) da Psicologia Sócio-Histórica e Cultural subsidiando a construção de um conceito de prática social que possa contribuir com os Estudos Organizacionais. Entende-se que o conceito de prática poderá ser beneficiado pelos recursos da psicologia social a exemplo do que propõe Whittington (2004) em relação à sociologia. Recuperando-se o conceito de atividade identificam-se elementos potenciais do conceito de prática enriquecida por essa teoria. As idéias da chamada *troika* russa, compreendida pelos psicólogos Lev Vygotsky, Alexander Luria e Alexei Leontiev vêm sendo estudadas no Brasil na Psicologia e na Educação desde 1960 e agora, em estudos organizacionais (PAES DE PAULA; PALASSI, 2007). A TA é uma linha teórica e de pesquisa interdisciplinar proveniente das ciências humanas na psicologia sócio-histórica e cultural da escola de psicologia russa iniciadas em 1920 e 1930 pela *troika*. A base teórica e metodológica da perspectiva sócio-histórica e cultural contrasta com outras abordagens, a procura de um único indivíduo: por exemplo, a psicanálise na obra de Freud e da epistemologia genética de Piaget. No escopo das teorias originadas dessa perspectiva, compreende-se a unidade de análise como orientada ao objeto e os artefatos mediados pelo sistema de atividade coletiva, reduzindo o abismo entre sujeito individual e a estrutura social. Entre as raízes filosóficas da TA destaca-se a obra de Karl Marx. Engeström, Miettinen e Punamäki (1999) admitem que nas Teses sobre Feuerbach, Marx tornou-se o primeiro filósofo a explicitar o núcleo teórico e metodológico do conceito de atividade. As teses, primeira e terceira, condensam o ponto de partida para a TA. Para ele o materialismo mecânico elimina a intervenção humana e o idealismo é incutido na cabeça ou na alma do indivíduo. Ambos deixam de cumprir o conceito de atividade que supera e transcende o dualismo entre o sujeito individual e a objetividade das circunstâncias sociais. Em segundo lugar, Marx mostra que o conceito de atividade abre caminhos para entender mudança, pois ela não é provocada de cima para baixo, nem é reduzida a puramente individual. A chave da superação desse dualismo é a "prática revolucionária", não em termos políticos, mas como "atividade prático-crítica" comum, incorporada em qualquer prática. Para Engeström, Miettinen e Punamäki (1999) o conceito de Marx de trabalho ou de produção de valores de uso foi o modelo paradigmático da atividade orientada para o objeto que possibilitou que Leontiev formulasse o conceito de atividade. A partir de Marx e Engels, Leontiev (1981) enfatiza aspectos da mediação na atividade laboral: o uso e a construção de ferramentas e o

¹ Doutorando na Universidade Positivo e Professor Assistente na Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana

² Professora da Universidade Positivo e Universidade Federal do Paraná

³ Professora da Universidade Tuiuti do Paraná

desenvolvimento da atividade coletiva com membros de uma sociedade. Esse autor destaca a importância da relação entre pessoas, pois é assim que o homem se relaciona com a própria natureza, significando que o trabalho aparece como processo mediado por ferramentas e, também, socialmente. É na atividade que se reconhece a mediação das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo objetivo. Para Leontiev (1978), é na atividade laboral que se possibilita o desenvolvimento da consciência humana. Na atividade externa reconhece-se o condicionamento histórico e social do desenvolvimento do psiquismo humano pela apropriação da cultura quando a relação é mediada pelos “outros”. Chaiklin e Lave (2001) entendem que as ações individuais devem ser interpretadas baseadas nos fatores que não estão explicitamente presentes na situação, nem mesmo nas pessoas que atuam nessas situações. Para tanto, na análise das práticas humanas são destacados os fatores sociais e históricos já que estas práticas são situadas por estes fatores envolvidos no curso da atividade. Vygotsky (1984) considera que no processo de internalização da atividade há a mediação da linguagem onde os signos adquirem significado. Assim, a atividade interna ou externa, possui uma estrutura psicológica composta por necessidades, motivos, finalidade e condições. Rey (2003) critica as transições das atividades externa à interna e vice-versa que pode recair numa visão objetivista do marxismo soviético, porém, alerta que essa relação trata de possibilidades de realização e não de certezas de que a ordem e a recorrência é condição *sine qua non* do desenvolvimento da atividade. A prática pelas lentes da TA pode ser compreendida tanto como processo de ação baseado em rotinas onde a ênfase recai sobre a natureza processual das práticas (FELDMAN, 2000 *apud* GAIGER, 2009), ou como possibilidade de geração de conhecimento. A importância em se considerar a TA para se conceituar prática, impõe a obrigação de se afastar do determinismo do sujeito individual ou da estrutura social como delimitadora da prática, cabendo ampliar esse entendimento admitindo a existência de outros elementos que mediam a interação do sujeito com o objeto. Ao longo da história da TA, os pesquisadores das três gerações da teoria sócio-histórica expandiram os elementos que compunham originalmente o modelo da TA - sujeito, objeto e artefatos – propostos inicialmente por Vygotsky. A terceira geração representada por Yrjö Engeström (2008) considera que além do sujeito e do objeto, também artefatos mediadores, regras, comunidade e divisão do trabalho fazem parte do escopo de análise dessa teoria. A composição teórica e metodológica da TA oferece subsídios para que se atenda o interesse de Gaiger (2009) de se lançar um olhar para a prática, contemplando outros elementos que não só o “como” pessoas fazem nas organizações, mas sim tentando responder as questões do “por quê” e do “como” as práticas continuam nas organizações. Outro aspecto oportunizado pelo conceito de prática nas organizações é que ele supõe que as transformações nos modos de fazer consolidados, passam pela análise social e histórica dos sujeitos que desenvolvem a atividade. Portanto, planejamentos de mudanças consistentes, autônomos, não autoritários e responsáveis, precisam ser acompanhados de ações coletivas dialógicas e reflexões permanentes sobre o trabalho com os sujeitos-protagonistas envolvidos. Essa teoria ao subsidiar uma análise social e histórica de um sujeito e de uma organização, traz elementos que ajudam a romper em termos epistemológicos com a imparcialidade científica, superior à análise do engajamento prático, contextual histórico e qualitativo.

PALAVRAS-CHAVE: teoria sócio-histórica. teoria da atividade. prática

REFERÊNCIAS

CHAIKLIN, S., LAVE, J. **Estudiar las prácticas:** perspectivas sobre actividad y contexto. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

DAVIDOV, V. El aporte de A. N. Leontiev al desarrollo de la psicología. In: GOLDER, Mário (org.). **Angustia por la utopía**. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina, 2002.

ENGESTRÖM, Y. MIETTINEN, R., PUNAMÄKI, R. **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge University Press, 1999.

ENGESTRÖM, Y. **From Teams to Knots: Activity-Theoretical Studies of Collaboration and Learning at Work**. New York: Cambridge University Press, 2008.

GAIGER, D. Revisiting the Concept of Practice: Toward an Argumentative Understanding of Practicing. **Management Learning**; 40; 129. Sage Publications, 2009.

KOZULIN, A. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: Daniels Harry (org.) **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

LEONTIEV, A. N. **Problems of the development of the mind**. Moscou: Progress, 1981.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

PAES DE PAULA, Ana Paula; PALASSI, Márcia Prezotti. Subjetividade e Simbolismo nos Estudos Organizacionais: um enfoque histórico cultural. In: CARRIERI, Alexandre. Pádua; SARAIVA, Luiz Alex S.: **Simbolismo Organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas 2007.

REY, F. G. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

SANNINO, A., DANIELS, H., GUTIERREZ K. **Learning and Expanding with activity theory**. Cambridge University Press, 2009.

WHITTINGTON, R. Estratégia após o Modernismo. **Revista de Administração de Empresa (RAE)**, vol. 44, nº 4, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.